

# Artes DIÁSTICAS



## O VII Salão de Arte Moderna

OSVALD DE ANDRADE FILHO

O VII Salão de arte moderna, realizado anualmente pela Secretaria do Governo através do Serviço de Fiscalização Artística do Estado, é das nossas poucas organizações se apresentam ricas de autenticidade no que se refere à arte brasileira. Há quem diga que esse Salão é pobre ou não tem linha revolucionária. Puro erro; o Salão é uma expressão realista da arte de São Paulo. Nelo aparecem todas as tendências modernistas e, por isso mesmo, torna-se muito mais interessante para nós do que se houvesse alguma linha determinada que apenas mostrasse uma faceta das nossas atividades artísticas.

Em sua organização, há sempre discussões e brigas. No júri, mais ainda, mas isso é sinal de vitalidade e devemos, portanto, nos alegrar de o Salão Oficial de São Paulo "não se ter deixado abafar por outras realizações, talvez maiores e mais poderosas, mas não mais importantes no que respeita à arte nacional. De fato, a Bienal, por exemplo, é uma organização que nos honra no exterior e que recebe de dois em dois anos o que há de mais atual em arte. Há, porém, inconvenientes enormes e falhas tremendas. Lembremo-nos, e lembremo-nos sempre, da escandalosa e ridícula atitude do júri da Bienal passada. Esse fato será sempre uma mancha e, de agora em diante, será preciso tomar mais cuidado na escolha dos elementos de seleção.

No Salão de Arte Moderna do Estado, não será nunca possível haver uma coisa como essa. Os artistas participam muito mais diretamente da organização e o próprio governo mantém-se em contacto com os participantes do Salão, possibilitando um melhor trabalho para todos.

Dos últimos Salões oficiais modernistas, o atual é, por certo, o mais fraco. Uma invasão de trabalhos pobres entristece o ambiente dando-lhe um ar de pequena mostra incompleta.

A Escola concretista está representada por alguns pintores que não conseguem alçar vôo, ficando assim nas pesquisas elementares. Esse tipo de pintura exige muito mais do que os nossos concretistas podem dar. Mais ciência do que propriamente arte, traz para as artes plásticas elementos que caem no academismo com muita facilidade. Nela desaparece completamente o caráter mágico da pintura, ficando apenas o esqueleto, esse esqueleto estatístico de ossatura muito pobre.

Quando algum arquiteto, como é o caso do meu amigo Bernardo Castelo Branco, faz algumas experiências como as que apresenta no certame da Galeria Prestes Maia, nota-se que fica preso apenas à organização do espaço, essa mesma organização do

espaço que tanta falta faz a certos arquitetos. Na pintura não se pode ser apenas o calculista. É necessário que se use a sensibilidade, o amor pelas coisas e pelas cores, pelas formas e pelo movimento. Mondrian, o mestre holandês, fazia seus quadros sentindo o cálculo, não somente como ciência mas, também, como arte. Talvez Castelo Branco tenha medo de dar asas a seu espírito romântico; por isso, mantém-se nessa espécie de prisão gelada.

Outro grande pintor que deixou muita influência neste Salão foi Pollock. A exposição está cheia de "poloquinhos" que mancham papel e telas mas sem nenhum talento e sem nenhuma compreensão do que aquele impressionista do abstracionismo realizou em sua longa e atribulada carreira. Nos nossos "poloquinhos", como por exemplo Greco, a cor é pobre e, nesse gênero de pintura, se não houver cor, que é que fica? ...

Outros como, Mario Toral, ainda têm a vantagem de realizar um trabalho com matéria mais rica. Seu caminho é mais seguro e mais certo.

Na secção de escultura, o problema parece ser o mesmo: pobreza geral. Salvam-se poucos trabalhos em que se sente a procura de um caminho mais honesto e menos fácil. No caso está Paulo Vancellotti com uma "Mulher com vaso", um trabalho seguro e consciente.

Na parte figurativa da pintura, há Ferrari, que segue de perto demais a escola de Volpi. Poderia muito bem afastar-se desse pintor sem nenhum prejuízo. Leyla Matoso apresenta-se com um retrato. Conhecemos dessa pintora coisas melhores.

Há também no Salão, um Andrade, mas esse não sou eu... Os figurativos estão geralmente melhores do que os não figurativos: o que, porém, não se nota é o trabalho de pesquisa no sentido de se encontrar uma pintura brasileira.

Falta muito amor pela pintura. Nós estamos nos afastando cada vez mais do pintor que pinta porque precisa pintar, sente necessidade de pintar e nos aproximando demais do tipo de artista que pinta apenas como uma profissão. É preciso tomar muito cuidado para que a pintura não caia no que a arquitetura já caiu: frieza e falta de intimidade.

Enfim, passeta-se pela Galeria Prestes Maia e procura-se alguma coisa a propósito da qual se possa dizer como dizia Manet: "Aqui está um artista que pinta como o passarinho canta. Isto, este ano, não foi possível..."

